

# O PROTAGONISMO DE UM CLUBE SOCIAL NEGRO NA PRODUÇÃO DE UMA CULTURA HÍBRIDA

LETÍCIA MOSSATE JOBIM<sup>\*</sup>  
LUIS FERNANDO LAZZARIN<sup>\*\*</sup>

## RESUMO

O Clube União Beneficente foi apontado pela comunidade de São Vicente do Sul como uma referência à cultura negra do município. Decidimos investigá-lo a fim de compreender o que havia em termos de arte e cultura neste local. Foram realizadas entrevistas com os antigos sócios, pesquisas em documentos, atas e fotografias. Deparamo-nos com uma variada prática cultural e artística circulantes no clube, com características dinâmicas, ressignificadas, cruzando fronteiras e estabelecendo diversas alianças culturais e étnicas. O hibridismo constatado apontou a impossibilidade de encontrar uma unidade cultural do negro que pudesse ser reduzida a um denominador comum, pois cada realidade social, econômica, política e racial produz diferentes modos de 'ser negro', dependendo de quem fala e do lugar de onde se fala.

**Palavras-chave:** Identidade. Cultura. Hibridismo.

## ABSTRACT

The União Beneficente (Beneficent Union) Club was indicated among the community of São Vicente do Sul as a reference to the black culture of the municipality. This study aims to investigate it in order to understand what it had in terms of art and culture. Interviews were carried out with old members of the club alongside with researches in documents, minutes and photos. A number of cultural and artistic practices circulating in the club, with dynamic, re-signified features were found crossing borders and establishing several cultural and ethnic connections. The evidenced hybridism pointed out the impossibility of finding a black cultural unit that could be reduced to a common denominator, because each social, economical, political and racial reality produces different ways of 'being black', depending on who speaks and where one speaks.

**Keywords:** Identity. Culture. Hybridism.

---

<sup>\*</sup> Professora no Instituto Federal Farroupilha/campus São Vicente do Sul/RS; Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Especialista em Gestão Educacional (UFSM).

<sup>\*\*</sup> Professor do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

## A INSERÇÃO LOCAL E TERRITORIAL

Pesquisas sobre afrodescendência foram mobilizadas nas instituições de ensino a partir da criação da lei 10639/03. No Instituto Federal Farroupilha, o campus São Vicente do Sul foi o pioneiro na criação de um NEABI dentre os sete campi existentes em 2008, ano de sua criação<sup>1</sup>. Foi um grande desafio para o corpo docente que em sua maioria não possuía nenhum tipo de formação especializada sobre a temática. O pouco material bibliográfico a que tínhamos acesso não dava conta das dúvidas e incertezas que iam surgindo e o grupo foi percebendo que o assunto era extremamente complexo e delicado. Muitas questões foram surgindo: a primeira delas foi preencher as lacunas do conhecimento sobre a história e cultura dessa etnia que ficaram em aberto durante nossa trajetória escolar, enquanto alunos e em consequência, enquanto professores; a segunda foi ‘como’ e ‘o que’ ensinar. Diante dessas dificuldades, decidimos criar um projeto que trouxesse subsídios e nos auxiliasse a pensar sobre a implantação da temática afro-brasileira em planos de ensino que estivesse próximo da realidade local de São Vicente do Sul. De acordo com dados do IBGE\*, atualmente, o município é composto por uma população de 8.440 mil habitantes. Sua economia baseia-se na pecuária, com rebanho de bovinos, ovinos, suínos e equinos. Na agricultura, destaca-se a produção de arroz, milho e batata-doce. Pela qualidade dessa última é conhecido como “Terra doce do centro-oeste”. Apesar de o município apresentar um histórico de formação com base na presença indígena, o Censo 2010 do IBGE não a inclui entre os dados sobre cor ou raça:

- População residente - cor ou raça – **Branca: 6.480 pessoas**
- População residente - cor ou raça – **Preta: 232 pessoas**
- População residente - cor ou raça – **Parda: 1.717 pessoas**

Nos diálogos com a comunidade sempre que mencionávamos o interesse sobre a temática negra, recebíamos inúmeras referências ao clube União Beneficente, popularmente conhecido como “clube dos morenos”. Foi fundado no dia 20 de janeiro de 1953 por um grupo de negros que eram proibidos de frequentar o único clube social existente na cidade até então, no qual só permitiam a entrada de pessoas brancas.

---

<sup>1</sup> Atualmente é composto por 8 campi: Alegrete, São Vicente do Sul, Santa Rosa, Júlio de Castilhos, Panambi, São Borja, Santo Augusto e Jaguarí.

Em função das referências ao clube, quando se falava em cultura negra, passamos a percebê-lo como um 'signo', no sentido de "sinal, uma marca, um traço que está no lugar de outra coisa a qual não pode ser um objeto concreto" (Silva, 2007, p. 78). O autor trata também da "impossibilidade da presença que obriga o signo a depender de um processo de diferenciação, de diferença" (SILVA, 2007, p. 79). Ou seja, uma possível cultura negra, que não aparece entre a comunidade de uma forma 'material' e cuja representação é transferida para o clube que se torna, então, um local simbólico dessas. Ao mesmo tempo em que ele era indicado como referência à negritude, quando questionávamos sobre os motivos de sê-lo, pairava um grande silêncio entre a comunidade. Movidos pela curiosidade e instigados a dar-lhe voz, decidimos abrir as cortinas de seu palco para compreender sua atuação, enquanto protagonista principal de uma suposta cultura negra no município de São Vicente do Sul. O clube tornou-se objeto de pesquisa de uma dissertação de Mestrado em Educação realizada no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

## **CAMINHOS INVESTIGATIVOS**

Empregamos nesta pesquisa a abordagem teórico-metodológica dos Estudos Culturais, que busca problematizar e romper com concepções e lógicas já solidificadas, através da confluência de campos já estabelecidos. A partir deste campo teórico, entendemos que o conhecimento é cultural, pois é resultado de um processo social de criação e interpretação das práticas e discursos que permite ver e pensar sob outras perspectivas, diferentes circunstâncias e contextos. Segundo Canclini (2009), para que um trabalho neste campo seja cientificamente consistente,

seu objetivo final não é representar a voz dos silenciados, mas entender e nomear os lugares nos quais suas demandas ou sua vida cotidiana entram em conflito com os outros. [...] Não para ver o mundo de um só lugar da contradição, mas compreender sua estrutura atual e dinâmica possível. (GARCIA CANCLINI, 2009, p. 207).

Segundo o mesmo autor, adotar o ponto de vista dos excluídos é significativo na etapa de *descoberta* no momento em que dá visibilidade àquilo que é negligenciado pelo conhecimento hegemônico, passando, assim, a desafiar os saberes constituídos. No momento da *justificação* epistemológica, devemos deslocar-nos

entre as intersecções, passando das narrações setoriais ou sectárias à elaboração de conhecimentos que evidenciem a forma de controle e os condicionamentos que estão ligados a cada enunciação.

Utilizamos os elementos da História Oral Temática e Híbrida, que, segundo Freitas (2006), é baseada num assunto pré-determinado, no caso desta pesquisa, o clube União Beneficente. Nessa técnica, o entrevistador “utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana” (FREITAS, 2006, p. 18). Híbrida por ter utilizado além das entrevistas outros materiais tais como fotografias e documentos. As fotografias foram utilizadas como estímulo para mobilizar as memórias e recordações de fatos importantes que pudessem estar esquecidos. As atas e documentos foram usados posteriormente às entrevistas, a fim de complementar e enriquecer a história oral, trazendo outras informações e provocando questionamentos e reflexões para a pesquisa.

A partir das narrativas dos entrevistados buscamos dar-lhes significado, porém sem o propósito de verificar a veracidade daquilo que era dito, pois cabe lembrar que as narrativas não produzem ‘verdades’ sobre os fatos, algo ou alguém, mas sim verdades para aqueles que narram e se narram através delas. Ao narrar, os sujeitos reconstróem suas próprias verdades e produzem suas subjetividades. Nesse sentido, a História Oral é uma “história de tempo presente”, também chamada de “história viva” (MEIHY, 2000, p. 25). Por ser uma fonte viva, uma narrativa jamais será igual a outra, mesmo que verse do mesmo tema e que seja contada pela mesma pessoa. Utilizar as narrativas objetiva compreender os distintos significados atribuídos aos acontecimentos culturalmente vividos pelos entrevistados, como também observar como cada um singulariza sua experiência no Clube União.

Os critérios utilizados para a escolha dos entrevistados eram de que deveriam ser pessoas que vivenciaram e acompanharam a trajetória do clube: sócios, ex-sócios, membros e ex-membros da diretoria, presidentes dentre outros e que se dispusessem a colaborar de forma espontânea. Foram realizadas duas 2 entrevistas grupais e 9 entrevistas individuais, perfazendo um número total de 19 pessoas entrevistadas. Todas as entrevistas e imagens utilizadas foram autorizadas pelos participantes da pesquisa.

O roteiro da entrevista narrativa foi o seguinte:

1 – Nome, idade, profissão e tipo de ligação com o clube (sócio, frequentador, membro da diretoria etc.).

2 – Conte o que você sabe sobre a história do clube: por que e como foi criado, quem eram e como eram as pessoas que frequentavam o clube, se havia algum tipo de exigência ou restrição para frequentá-lo; fatos marcantes que ficaram registrados em sua memória relacionados ao clube União.

3 – Em sua opinião, que este clube representava/significava para seus frequentadores? E atualmente ainda permanece essa opinião ou você acha que mudou alguma coisa?

4 – Você acha que havia algo em especial que aproximava ou afastava as pessoas da comunidade a participar dos eventos sociais no clube? Por quê? Você acha que os frequentadores do clube possuíam algo em comum? O quê? E diferenças, existiam?

5 – Como você percebe que este clube era visto pela comunidade negra e branca? (o papel do clube para estes) E atualmente como ele é visto?

6 – Que tipo de eventos e/ou atividades eram realizadas? Havia algum tipo de preferência por determinados eventos culturais, estilos musicais ou festas típicas?

7 – Você acha que ele teve ou tem alguma relação com a cultura e identidade negra no município? Por quê?

8 – Quanto à vestimenta, havia alguma norma ou restrição?

## **ATRAVESSAMENTOS, PERCALÇOS E DESVIOS**

Os resultados obtidos contrariam as expectativas iniciais da pesquisa, pois ainda tínhamos internalizado uma concepção homogênea de cultura e identidade com características fixas e imutáveis. Concepção ainda muito presente em diferentes espaços pedagógicos e sociais, onde seus defensores argumentam que, se não houvesse um denominador comum a todas elas, não haveria como uma cultura se comunicar nem se diferenciar com as demais.

O campo teórico dos Estudos Culturais nos traz um conceito de cultura no qual ela é entendida como um conjunto de sistemas de significações que a linguagem e a representação produzem. Ou seja, é criada pela linguagem e seus enunciados<sup>2</sup>, em que grupos

---

<sup>2</sup> Enunciado aqui entendido como tudo aquilo que circula nos discursos; o que permite que sejam importantes; o que pode ser dito e quem está autorizado a dizer.

em diferentes posições de poder disputam para difundir seus significados e representações através de diferentes circuitos culturais: noticiários de televisão, imagens, livros didáticos, músicas etc. Tais circuitos são concebidos como artefatos produtivos, pois inventam sentidos que circulam e operam nas arenas culturais em que negociam significado e se estabelecem hierarquias.

Nessa perspectiva, considerando que toda cultura tem efeito pedagógico, o clube União pode ser considerado também um local produtor de cultura e de construção de conhecimento, onde se exercem e disputam significados e representações. Apresentamos a seguir alguns trechos das narrativas que auxiliaram na produção dos dados.

**Entrevistadora** – Qual a atividade que o pessoal mais gostava no clube na sua época?

**João** – *As boates, no tempo da discoteca, tava dando esses dias na televisão, Dancing Days daquelas danças, anos 80, um tipo de música diferente, música lenta, hoje em dia as boates tem aquele bum, bum, bum dá um estouro né... Era as mais frequentadas então o pessoal gostava de ir mais nas boates.*

**Entrevistadora** – E tinha bailes gaúchos?

**João** – *Sim, tinha os bailes gaúchos.*

**Entrevistadora** – Mas as pessoas frequentavam esses bailes gaúchos?

**João** – *Era o pessoal de mais idade, porque a juventude só dava boate...*

**Américo** – *Era de todo tipo de música... Era bem variado... Nunca teve certo tipo de dança...*

**Em relação aos eventos:**

– *Carnaval, essas coisas assim, o pessoal se organizava bastante, tinham blocos... Tinha um saxofonista que tocava música ao vivo, e gaita e... No geral todos os bailes eram bem frequentados..., não só o carnaval.*

*Irani* – *Havia festas e bailes todos os finais de semana com som mecânico. Não havia eventos com música ao vivo. Tinha todos os estilos musicais. Ma o carnaval era muito popular.*

**Entrevistadora** – Que tipos de músicas tocavam? Quais eram os ritmos?

**Guiomar e Tunico** – *Valsa, samba e boleros... Mazurca, chamamé, de vez em quando um vaneirão.*

Ao ouvirmos os depoimentos, num primeiro momento, pareceu-nos que a gaita, a dança gaúcha, o *Dancing Days*, que os entrevistados fizeram referência, não estariam no seu ‘espaço cultural e identitário comum’.

Talvez muitos dos ritmos citados nas entrevistas possam ter de certa forma alguma influência africana, porém não foi o objetivo desta pesquisa adentrar nessas questões, até mesmo devido à falta de propriedade que possuímos sobre elas. O objetivo principal aqui foi problematizar o que o senso comum atribui como únicas e/ou principais contribuições do negro em nossa cultura.

Ao nos depararmos com a variedade artística que circulava no clube, fomos percebendo que não correspondiam às ideias contidas nos textos lidos e à realidade presente neste contexto. A experiência artística vivenciada no clube não se apresentava a partir de ritmos específicos, costumes e práticas fixas, mas sim como experiências dinâmicas. A sensação que tínhamos era de que a memória cultural afro-brasileira era algo inventado, pois não era a mesma enfatizada pelos discursos multiculturalistas que lhe atribuem um conteúdo: o negro, adepto da capoeira, do samba, da umbanda, do candomblé, do futebol etc.

Não havia, nas práticas sociais/culturais/artísticas do clube, preocupação em atrelá-las a um *slogan* da cultura negra ou em determiná-las por um modelo cultural obrigatório que tivesse de ser seguido. O objetivo era proporcionar aos sócios o maior número de atividades de lazer e diversão, por meio de jogos (tais como bingos, bocha, ping-pong etc.), bailes gaúchos, festas de São João, carnaval e outras. Misturavam-se ritmos musicais, tanto em termos de dança quanto de música, prescindindo de qualquer ideia de ‘pureza’ cultural.

Os dados obtidos permitem dizer que, apesar das inúmeras tentativas de ‘cristalização’ e ‘purificação’ da cultura, ela acaba sempre extrapolando suas demarcações de limites e fronteiras. Em

consequência disso, ocorrem dificuldades de posicionamentos e caracterizações que possibilitam identificar grupos específicos, fazendo muitas vezes com que se acredite numa suposta “fragmentação” das culturas e identidades. Um dos fatores que contribui para a instabilidade identitária e cultural é a globalização. A partir dela, novos padrões de produção e consumo foram criados, e ao mesmo tempo em que produz uma convergência de culturas, consequentemente, criam-se novas e renovadas identidades étnicas, menos fixas e unificadas. Em meio a essa heterogeneidade, torna-se importante compreender de que forma situam-se essas identidades e como os processos de hibridação são produzidos. Hall (2001) identifica 2 tipos de comportamentos identitários ocasionados pela globalização:

- “TRADIÇÃO” – Tenta recuperar sua pureza e certeza que são sentidas como sendo perdidas; e
- “TRADUÇÃO” – Aceita a impossibilidade de manter sua pureza e unicidade, reconhecendo sua sujeição ao plano da história, da política, da representação e da diferença. A Tradução permite antever outro caminho para as identidades que não o seu desaparecimento. Permite negociar com as novas culturas sem serem assimiladas por elas e nem perderem completamente suas identidades: elas jamais serão unificadas, pois são produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencendo a várias e não a apenas uma “casa”. São as denominadas “identidades partilhadas”.

Canclini (2008) utiliza o conceito de identidades híbridas, ou seja, elas não se fundem completamente, nem se reduzem a esta ou aquela, apreende-se aquilo que resulta da proximidade entre formações culturais distintas, produzindo um processo de recriação e reinscrição identitária. Nesse sentido, os processos variados de hibridação levam a relativizar a noção de identidades “puras” ou “autênticas”, desvinculadas da sociedade nacional ou da globalização.

Através das narrativas dos entrevistados e imagens fotográficas analisadas, pode ser percebida a heterogeneidade artística, cultural e identitária que circulava no clube União, impedindo-nos de vê-lo sob um só regime ou dar nomes a este jogo de cenário e etnias. Quiçá, esta heterogeneidade possa ter se constituído através da busca por uma identidade caracterizada pela *não pertença*. Aquilo que Bauman (2007) conceitua como uma cultura híbrida, formada pela:

Liberdade de desafiar e menosprezar as fronteiras que tolgem os movimentos e escolhas das pessoas menores, inferiores- “os locais”.



Os híbridos culturais querem se sentir em toda parte como se estivessem *chez soi* - a fim de se vacinarem contra a maligna bactéria da domesticidade. (BAUMAN, 2007, p. 43).

Consideramos a existência deste hibridismo no clube devido à impossibilidade que temos de afirmar que os bailes gaúchos, o carnaval, festa de São João são manifestações artísticas que podem ser consideradas 'puras' dando direito exclusivo de propriedade de origem a uma determinada etnia, estado ou nação especificamente. Segundo Bauman (2007, p. 42), "a hibridação isola o híbrido de qualquer linha de parentesco monozigótico"; "Significa um movimento em direção a uma identidade eternamente "indeterminada", de fato "indeterminável". (ibidem, p. 45); "Vive de crédito e se alimenta de material emprestado" (ibidem, p. 46).

Se observarmos as fotografias abaixo, de um desfile na década de 80 da escola de samba "Unidos do Carapé", pertencente ao clube, fica visível o 'material emprestado' da cultura indígena que teve uma influência muito forte na formação do município de São Vicente do Sul. A escola homenageia o cacique indígena que habitava a região, chamado Carapé. Em função dessa história, a escola foi batizada com esse nome. A fotografia abaixo mostra essa intersecção de culturas, quando exalta a imagem de um índio no seu carro alegórico num desfile da cidade.

Na figura 2, evidencia-se, também, a influência dos ruralistas quando um trator é transformado em um carro alegórico, deixando ver mais uma vez a diversidade étnica dos povoadores do município.



Figura 1



Figura 2

FIGURAS 1 e 2 – Maria Ester Teixeira Barbosa – Rainha destaque da escola de samba Unidos do Carapé  
FONTE: Acervo pessoal da Sr.<sup>a</sup> Francisca Catarina Teixeira Barbosa

Nas imagens, tornam-se visíveis as diferentes alianças interculturais existentes, em que todas as etnias se entrelaçam, fundem-se e se resinificam produzindo situações ora de aceitação, ora de adequação ou de negociação. Embora não estejamos analisando aqui o folclore propriamente dito, podemos realizar a mesma reflexão de Garcia Canclini (2008), quando argumenta que

Uma mesma pessoa pode participar de diversos grupos folclóricos, é capaz de integrar-se a vários sistemas de práticas simbólicas [...]. Não há folclore exclusivo de uma classe oprimida, e nem o tipo possível de relações interfolclóricas são necessariamente as de dominação, submissão ou rebelião (GARCIA CANCLINI, 2008, p. 220).

Segundo esse autor, os fenômenos culturais *Folk* ou tradicionais são hoje o produto multideterminado de vários agentes, constituindo-se por processos híbridos e complexos, apropriando-se de elementos culturais procedentes de várias classes e nações.

Para Hall (2011, p. 133), a cultura é compreendida como “algo que se entrelaça a todas as práticas sociais”, indo além da mera tentativa de identificar os marcadores culturais que definiam e demarcavam em cada grupo a “verdadeira”, a alta cultura: “o que vem ocorrendo frequentemente ao longo do tempo é a rápida destruição de estilos específicos de vida e sua transformação em algo novo” (IBIDEM, 2011, p. 232). Entende-se daí que não é possível ‘compartilhar’ dos mesmos códigos para entender uma determinada cultura devido às fusões, aos cruzamentos e às trocas que vêm ocorrendo entre elas, produzindo transformações bem como novas e inesperadas combinações. Segundo o autor,

É para a diversidade e não para a homogeneidade da experiência negra que devemos dirigir nossa atenção criativa. Não é somente para apreciar as diferenças históricas e experienciais dentro de, e entre comunidades, regiões, campo e cidade, nas culturas nacionais e entre as diásporas, mas também reconhecer outros tipos de diferença que localizam, situam e posicionam o povo negro em diferentes lugares (HALL, 2011, p. 327-328).

A tendência que ainda temos e que persiste é sempre procurar aquilo que homogeneiza os grupos, a fim de caracterizar o “nós” e os “outros”, reforçando assim as diferenças. Todavia, essas diferenças que buscamos não se constituem da mesma forma em todos os lugares devido à diversidade de contextos socioculturais,

em que os discursos, as representações e as relações de poder atuam de diferentes formas. Esses fatores geram, portanto, casos individuais e coletivos específicos entre grupos de negros que vivenciam diferentes valores. Certamente não estamos preparados para ver e pensar o negro desvinculado e desalojado de tempos, lugares, histórias, eventos e símbolos específicos que até então lhe caracterizaram e distinguiram.

Embora tenhamos reconhecido a impossibilidade de encontrar no clube algo que pudesse representar especificamente uma “essência” da cultura negra, percebemos que o seu atual presidente tenta resistir a isso e vincular a imagem do clube a uma simbologia que aparece como “vitrine” da cultura negra, ou seja, a capoeira. Podemos perceber em sua fala a decepção devido a pouca adesão da comunidade às diversas tentativas de oferecer aulas de capoeira no clube.

**Presidente** – *Eu convidava e ninguém queria fazer... Alguns diziam: – Ah, mas isso é coisa de negro e eu não sou negro...*

Devido à própria fragilidade cultural e identitária que constituiu o clube bem como a ausência de referenciais étnicos, o presidente sente a necessidade de fixação desses elementos, nesse caso a capoeira, a fim de dar sentido e fortalecer um discurso identitário. Muitas vezes a tentativa de fortalecimento acaba “forçando” diferentes indivíduos que não possuem as mesmas necessidades a se agruparem sob uma bandeira comum.

Provavelmente o presidente tenta investir numa imagem cultural e simbólica do negro no município de São Vicente do Sul, que sempre se mostrou indeterminada e difusa. Sua tentativa pode ser também o resultado daquilo que Canclini (2008) denomina como a problemática pós-moderna, que frente a uma tendência hegemônica, muitos grupos sociais ou profissionais da cultura tentam reabilitar seus modos de produção e difusão simbólica, fortalecendo as diferenças e marcando a distinção com relação aos outros.

No mesmo sentido, aquilo que Bauman (2007) denomina como forma de vida da sociedade líquido-moderna, cuja ação, hábitos e rotinas mudam rapidamente antes que haja tempo para consolidarem-se; os ativos se transformam em passivos, as capacidades em incapacidades. Ação e estratégia de reação se tornam obsoletas antes de serem de fato aprendidas; as identidades enfrentam forças erosivas e pressões que ocasionam seu desmoronamento; seu habitante “come” e é “comido”; seus indivíduos são estritamente

semelhantes pelo fato de terem de seguir a mesma estratégia de vida e usar símbolos comuns. Segundo o mesmo autor, a sociedade 'líquido-moderna' resulta numa:

cultura híbrida que busca sua identidade na liberdade em relação a identidades designadas e inertes, na licença para desafiar e menosprezar os tipos de marcadores, rótulos ou estigmas culturais que circunscrevem e limitam os movimentos e as escolhas do resto das pessoas, presas ao lugar: "o local" (BAUMAN, 2007, p. 46).

Quando foi perguntado ao grupo se além da cor eles achavam que havia mais alguma coisa em comum, algo que caracterizava o clube ou as pessoas que o frequentavam, alguns se entreolharam, outros baixaram a cabeça, dando respostas carregadas de incertezas:

**Eloá** – *Acho que a escola de samba...*

**Emma** – *É, pois o samba é de origem africana... Acho que é isso...*

A insegurança nas respostas mostra o quanto é difícil, na atualidade, especificar o que é desta ou daquela cultura. A referência feita ao carnaval certamente se deu por ser uma festa que é 'vendida' como um símbolo pelos diversos artefatos culturais a que temos acesso. Artefatos que disponibilizam informações, que medeiam relações e produzem representações. Fixar imagens e representações através de símbolos, imagens, insígnias, bandeiras, corresponde a uma tentativa de conservar a "essência" das culturas. Vimos, entretanto, que as culturas são o resultado das interações e ressignificações que realizam entre si. Podem até manter algum traço, mas jamais podem ser tratadas como originais e intactas.

Para Hall (2011), nenhuma forma cultural carrega em si a garantia de um significado único, fixo e inalterado, que possa ser arrastado de forma inalterável no fluxo da história; não só porque ele esteve ligado a uma causa específica, ele será sempre a expressão viva desta causa:

o significado de um símbolo cultural é atribuído em parte ao campo social ao qual está incorporado, pelas práticas as quais se articula e é chamado a ressoar. O que importa [...] é o estado do jogo das relações culturais [...] o que conta é a luta de classes na cultura ou em torno dela. (HALL, 2011, p. 241-242).

Reconhecemos que o Clube União se organizou em meio a uma pluralidade cultural e artística que pode estar atribuída aos próprios processos migratórios que caracterizam a formação do município. Constitui-se, dessa forma, por um caráter fluido, instável e “impuro”, ou seja, aquilo que Canclini (2008) caracteriza por hibridação: estruturas ou práticas que existem de forma separada e que, nos próprios processos socioculturais se combinam, gerando novas estruturas, objetos e práticas.

Um exemplo de uma prática reinventada no clube União foi encontrado na ata do dia **8 de junho de 1958**, para tratar assuntos sobre uma festa caipira que seria realizada dia 28 de junho do mesmo ano.

*Foi convidada para explicar os vestuários para as moças a Sr.<sup>a</sup> Maria Cleci Atarão. Ela explica que elas deverão dar um lençinho da cor do seu vestido para ser envelopado e vendido para as moças na noite do baile, onde cada uma abrirá seu envelope e ao ver a cor do lenço tem que dançar com aquela que tiver o vestido igual. (grifo nosso)*

Sabemos que os bailes caipiras são o resultado da combinação de elementos culturais de diversos países. No Brasil, embora seja comemorado em todas as regiões, é na região nordeste que ele adquire maior expressão. No exemplo citado, são visíveis as relações culturais de entrelaçamento e trocas que acontecem entre diferentes grupos étnico-culturais. Apropriar-se de elementos de outras culturas não significa, porém, que sejam aceitos indiscriminadamente, mas podem sim significar uma forma de resistência e negociação.

## **REFLEXÕES FINAIS**

Compreendemos, por meio desta pesquisa, que tanto a cultura quanto a identidade variam de acordo com os processos de interação dos indivíduos. A identidade não é uma categoria puramente individual, pois, para que ela exista, é preciso o reconhecimento do outro e isso implica relação de semelhança e concomitantemente de diferença. Caracteriza-se por uma categoria transitiva e fluida, de correspondências inesperadas não havendo recursos específicos que lhe possibilitem uma compreensão universal. Todo indivíduo possui em si unidade e fragmentação que podem variar de acordo com os conflitos existentes (ou não) na relação entre o grupo social ao qual está inserido. Dependendo dos

conflitos, os interesses grupais podem ser criados ou modificados. Se há conflito, pode haver dissociação, mas também negociação e alianças. Da mesma forma, a cultura, de acordo com Hall (2009), é esse padrão de organização de 'tipos inesperados' que surgem nas diversas práticas sociais. Analisá-la é, portanto, "a tentativa de descobrir a natureza da organização que forma o complexo desses relacionamentos" (HALL, 2009, p. 128), ou seja, é a soma do inter-relacionamento das práticas sociais; a forma como cada grupo social lida com suas condições de existência e respondem a elas.

Compreendemos, a partir daí, que cultura e identidade são categorias que possuem particularidades específicas que revelam a multiplicidade de indivíduos e grupos sociais que se produzem em meio à fragmentação, inviabilizando, dessa forma, qualquer tentativa de homogeneização e generalização. É muita pretensão tentar rotular o negro e sua cultura num conjunto específico de características e comportamentos, tentando determinar quem é quem e quem é o que; retirar-lhes o direito de exercer escolhas, seja ela de afiliação política, religiosa, sentimental, cultural ou outra.

Não existe um lugar privilegiado ou um caminho óbvio que nos permita estudar e entender uma cultura, que sirva de parâmetro para construir e sedimentar saberes e conhecimentos sobre ela. Existem sim, diversos deslocamentos nas direções investigativas, que tornam impossível "capturar" esses conhecimentos única e exclusivamente pelas cartografias consagradas, que têm determinado a produção do pensamento humano.

Faz-se necessário sairmos do reducionismo que ainda persiste nas análises sobre cultura e identidade, para uma visão mais fluída, em que seus agentes sejam compreendidos em seus fluxos e interações. Isso não significa que devemos nos descuidar daquilo que resiste ao hibridismo e rejeita-o, permanecendo diferente apesar dos entrecruzamentos. Porém, o que emergiu na pesquisa foi a necessidade da "desfamiliarização" com as convenções e com nós mesmos no momento em que pensamos sobre o "outro"; reconhecer o quanto somos condicionados por discursos e práticas sociais que disputam pela imposição de significados. Essa disputa, que é inevitavelmente conflitante e contingente, produz discursos e significados que podem variar no tempo, não atingindo a mesma amplitude, não produzindo os mesmos efeitos e não tendo o mesmo alcance. Por esse motivo, não podemos tentar instituir formas e condições de viver ao outro, pois cada um recebe os códigos de representação de acordo com quem se filia, e a cada um confere o direito de autorrepresentar-se.

Talvez os leitores deste artigo esperassem uma análise mais pontual e ininterrupta, porém o campo teórico utilizado nesta pesquisa, os Estudos Culturais, abarca os discursos múltiplos, reconhece e problematiza a heterogeneidade, a instabilidade das formações, as histórias distintas, bem como a multiplicidade de significados. É um campo aberto ao desconhecido e que não tem a pretensão de assumir um posicionamento final e absoluto. Pesquisar a cultura sob essa ótica é basicamente trabalhar numa área de deslocamento, onde há sempre algo que escapa e foge à tentativa de ligação direta e imediata com outras estruturas.

Tentar decodificar a 'marca' de uma cultura e uma identidade para ser "pedagogizada" e escolarizada é uma atitude um tanto pretenciosa, pois aquilo que cada um codifica, os princípios que nos direcionam podem ser diferentes para os outros, inclusive para aqueles a quem pretendemos compreender.

Ao pensarmos sobre culturas específicas, é necessário refletir sobre a rede de relações de força poder/saber que se constituem em torno delas tentando fixar, condicionar e institucionalizar saberes, direcionar, controlar e fabricar comportamentos e pensamentos dos sujeitos. Existem espaços em que a cultura 'vaza e prolifera', gerando assim, dissonâncias e fissuras. Dessa forma, o conjunto de representações e quadros de referência de que nos servíamos já não cabe mais, exigindo novos modos e exercícios do pensar, questionando categorias e conceitos que utilizamos para apreendê-la.

Cultura e identidade estão assentadas num universo de produtos e espaços híbridos e multidimensionados, devendo ser estudadas ativamente enquanto prática social. Esses fatores abrem possibilidades de novas discussões e novas questões para serem exploradas no espaço escolar a cerca dessa temática, de forma que não fiquemos apenas confirmando condições e determinando lugares e posições ao negro; tampouco re/produzindo um quadro de visibilidade que esteja restrito apenas a alguns setores da vida social, em especial no âmbito das manifestações culturais.

Não devemos tomar a metanarrativa<sup>3</sup> como a única maneira de conhecer esta história, mas entender que as suas lógicas constitutivas também são diferentes e que são perpassadas por disputas no campo das relações do saber/poder. De acordo com a

---

<sup>3</sup> Trata-se de toda e qualquer explicação ou conceito abrangente e totalizante utilizados pelo senso comum. A mesma coisa que "grande narrativa".



literata nigeriana Chimamanda Adichie<sup>4</sup> (2009),

É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. (...) Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas fazê-la história definitiva daquela pessoa. (...) Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder.

É importante reconhecer o negro fora dos papéis sociais determinados por aqueles que detêm o poder, bem como conhecer as muitas formas de construir a identidade negra no Brasil, pois, muitas vezes, a temática negra é acionada na defesa de interesses pessoais e projetos políticos. É preciso possibilitar-lhe um cenário de reconhecimento e visibilidade em outros setores da vida social que não esteja circunscrito apenas ao âmbito das manifestações culturais: seus diferentes modos de ser, estar e organizar-se em sociedade, de negociar, resistir e reagir; Capacidades que, muitas vezes, são encobertas por aparatos que nos fazem olhá-lo do mesmo lugar e da mesma forma.

#### REFERÊNCIAS:

- ADICHIE, Chimamanda. **O perigo da história única**. 2009. Disponível In: [http://www.ted.com/talks/lang/por\\_pt/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story.html](http://www.ted.com/talks/lang/por_pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html), acesso em 22 /10/ 2011.
- BAUMAN, Zygmund. **Vida líquida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2007.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Trad. Luis Sérgio Henriques – 3ª ed.- Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.
- FREITAS, S. M. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2ª ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Livia Sovik. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 3ª Ed., 2000.
- \_\_\_\_\_. **Manual de História Oral**. 5ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

---

<sup>4</sup>**O perigo da história única**. 2009. Disponível In: [http://www.ted.com/talks/lang/por\\_pt/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story.html](http://www.ted.com/talks/lang/por_pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html), acesso em 22 /10/ 2011.



## DIRETRIZES PARA AUTORES

*A Momento – Diálogos em Educação* aceita para publicação artigos científicos inéditos de professores, pesquisadores e acadêmicos de instituições na área de ciências humanas e educação.

Todos os artigos recebidos serão submetidos aos consultores da revista para a devida apreciação. A equipe editorial não se compromete com a devolução de textos e comunicará aos interessados caso não sejam aceitos. As modificações do texto, quando sugeridas pelos consultores, serão encaminhadas aos autores para consideração e devem ser devolvidas em um período máximo de 15 dias.

Cada texto deve ser antecedido por um resumo em português e em língua estrangeira de até 10 linhas, acrescido de três a quatro palavras-chave escolhidas pelo autor de acordo com o assunto do trabalho proposto. Indica-se a consulta às normas NBR 6022 para a elaboração do artigo e NBR 6028 para a elaboração do resumo. As citações no texto e as notas de rodapé também deverão seguir as normas correntes da ABNT, sendo as referências bibliográficas elencadas após o texto e em ordem alfabética. Para a escolha das palavras-chave, recomendamos o uso do *Thesaurus Brasileiro da Educação*.

### Itens de verificação para submissão

Como parte do processo de submissão, autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão com todos os itens listados a seguir. Serão devolvidas aos autores as submissões que não estiverem de acordo com as normas.

1. *A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista;*
2. *Os arquivos para submissão estão em formato Microsoft Word (de extensão .doc), desde que não ultrapasse os 2MB;*

3. *Todos os endereços de páginas na Internet (URLs) incluídos no texto estão ativos e prontos para clicar;*
4. *Todos os endereços de páginas na Internet (URLs) incluídos no texto estão ativos e prontos para clicar;*
5. *O texto está em espaço 1,5; usa fonte Times New Roman de 12 pontos; emprega itálico em vez de sublinhar (exceto em endereços URL); figuras e tabelas estão inseridas no texto, e não em seu final; o texto tem, no máximo, 25 páginas (incluindo a lista de referências);*
6. *O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em Diretrizes para Autores;*
7. *A identificação de autoria deste trabalho foi removida do arquivo e da opção Propriedades no Word, garantindo, dessa forma, o critério de sigilo da revista, caso submetido para avaliação por pares (ex.: artigos);*
8. *O resumo está incluído no arquivo para avaliação e inclui de três a quatro palavras-chave;*
9. *O abstract está incluído no arquivo para avaliação e inclui de três a quatro keywords.*

**EDITORA E GRÁFICA DA FURG**  
**CAMPUS CARREIROS**  
**CEP 96203 900**  
editora@furg.br